

PENSAR O BRASIL NA LITERATURA: ENTRE MALANDROS, FAVELAS E GOLPES DE CAPOEIRA

Adeíto Manoel Pinho (UEFS)

O ensaio “Dialética da malandragem” (1993), de Antonio Candido, é fundamental para compreender o romance *Memórias de um sargento de milícias*, (1997) de Manuel Antonio de Almeida. Não há dúvida de que o ensaio clássico de Candido também é fundamental para compreender a literatura brasileira. De maneira formidável, ele também abriu um flanco interpretativo para elevar significativamente o papel da literatura em país pós-colonial como o Brasil: a partir dele, pode-se perceber o livro de Almeida como um intérprete do Brasil. E, por consequência, é possível perceber uma série de narrativas e poemas capazes de serem colocados na posição de escritos para pensar a cultura do país em suas problemáticas fundamentais. De tal forma e intensidade, as suas escritas mostram um país a partir de seus problemas. Fatores proeminentes de atualização de tais narrativas na contemporaneidade, os problemas são capazes de caracterizar a nossa nacionalidade e ordem social. Alguns romances alinhados nesta demanda de pensar o país são *O cortiço* (1995), de Aluísio Azevedo, *A conquista* (1913), de Coelho Neto, *Viva o povo brasileiro* (1984) de João Ubaldo Ribeiro e outros. Além de Candido, as ideias críticas de Silvano Santiago (2004), Edward Said (2005), Roberto Schwarz (1983) e outros serão abordadas neste estudo.

Palavras-chave: Literatura. Brasil. Cultura. Identidade. Problemas Sociais. Contemporaneidade.

O Brasil sempre foi e continua sendo um país de difícil compreensão. Numa rápida visada, podemos referir a uma imensa porção de terras localizada na parte sul do continente americano ocupada por inúmeras etnias nativas, denominadas, pelos primeiros europeus que aqui aportaram, de índios. Os europeus, que rapidamente tornaram-se hegemônicos nestas terras, decidiram que a exploração de riquezas seria a principal vocação e função do grande território. Aparentemente, tal função também foi transferida para os viventes nativos e os africanos importados para o trabalho escravo. Eis os ingredientes para a compreensão do Brasil e da origem de tantas dificuldades. Fenômenos como a violência praticada em sua história, ao mesmo tempo tão cuidadosamente ocultada pela narrativa consagrada de povo pacífico, o costume da cordialidade, do favor e da corrupção como regimes sociais cotidianos e comuns, a impunidade para algumas classes, a perseguição e demonização perenes para outras, o cultivo regular da desigualdade social como forma de ordem cultural, etc. Frente a estes fenômenos, é urgente que as áreas de intelectuais e de pensamento ofereçam contribuição lúcida e eficaz para superação de tais práticas culturais, as quais são

danosas tanto para o convívio nacional como para o desenvolvimento de todo o potencial da grande porção de terras denominada de Brasil. Alguns autores e críticos da literatura podem oferecer auxílios fundamentais para superação de tais dificuldades.

Há, pelo menos, dois motivos para comemorar o aparecimento de Antonio Candido no cenário da crítica literária e do debate intelectual no Brasil. O primeiro, refere-se à tese do consagrado livro *Formação da Literatura Brasileira - momentos decisivos* ([1958], 1975), cujo limite pressupõe um amadurecimento da literatura, quando é compreendida enquanto sistema. Os três elementos apontados pelo historiador - autor, obra e leitor - desencadeiam um modelo sistematizador que não mais será contido nos estudos literários. A segunda contribuição lapidar de Candido diz respeito ao seu ensaio sobre o romance *Memórias de um sargento de milícias*, Dialética da malandragem (CANDIDO, 1993, p. 19-54). A riqueza do ensaio ocasiona uma pequena narrativa crítica a seu respeito.

Começa, primeiramente, pela escrita do capítulo "Manuel Antonio de Almeida: o romance em moto-contínuo", na *Formação da literatura brasileira* (1975, p. 215-220). Nessa obra de historiografia literária, o estudioso compreende o romance filiado à tradição da literatura pícaro, cujo efeito o suspende ao nível de narrativa que supera a escola à qual, temporalmente, está relacionado: o Romantismo. As peripécias do protagonista, sempre às voltas com perigos e maliciosas soluções para a sua atuação com a realidade são argumentos para a tal classificação. Ao que se vê, o rigoroso leitor e historiador da literatura romântica, sempre encontrando ressalvas nas obras de Macedo e Alencar, vê-se surpreendido pela caracterização dos tipos das *Memórias*.

No entanto, em ocasião de retorno à narrativa fundamental da escola romântica (CANDIDO, 1993), o ensaísta está consciente de que se trata de uma tipologia literária nova: o romance malandro. Nada melhor do que o próprio autor relatar seu conceito, cuja lucidez, em tempos políticos, tem potencial para causar outra virada nos estudos literários:

Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma* e que Manuel Antônio com certeza plasmou espontaneamente, ao aderir com a inteligência e a afetividade ao tom popular das histórias que, segundo a tradição, ouviu de um companheiro de jornal, antigo sargento comandado pelo major Vidigal de verdade. O malandro,

como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores (1993, 26).

A sua emergência é expressiva das necessidades sociais da população livre e desafortunada do Brasil do século XIX. A análise das personagens, o modo como interagem entre si e com as forças de poder, o recurso ao favor e à burla, fatores de desordem, mas não de punição no livro, fazem Candido abandonar a tipologia da picaresca. Para ele, está-se frente a uma representação ficcional do modo de sobrevivência dos habitantes livres do Brasil, no entanto aprisionados entre a grande massa de escravizados e os donos do poder.

Uma das primazias da descoberta de Candido, a qual esta reflexão pretende realçar ao máximo, é o fato de que um acontecimento histórico e cultural articular e fazer dialogar falas e escritas em épocas díspares que já estão, de fato, conversando a tempos, somente não sendo percebido por interlocutores voltados para outro lugar. Nesse caso, Manuel Antonio de Almeida, Aluísio Azevedo, Mario de Andrade, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro e muitos outros estão em franco e permanente diálogo constante e potente. Por que não são ouvidos? A audição, no dizer de Silviano Santiago, cosmopolita em demasia, não foi capaz de se fazer. As oportunidades em que a área intelectual se apercebeu da aproximação, preferiu censurar e rotular de documentária, sociológica, antiquada, telúrica, panfletária, superficial, etc.

Candido, apesar da sua tendência ao termo “aventureiro astucioso”, correndo o risco de diluir a sua descoberta, praticou o seu costumeiro rigor, indo aos elementos formadores, desconfiou. O termo “remediado” ofereceu a pista de que seja através do popular, do povo, da desigualdade, do regime cultural sem alternativas de sobrevivência que se criará um dos aspectos de brasilidade mais insinuantes. Será por esta via que se tentará explicar, em exames futuros, o surgimento dos cortiços, das favelas, da música popular e muitos elementos nacionais, e não “por subtração”. Quiçá nos aproximando dramaticamente de compreender a brasilidade para, enfim, poder praticá-la e usufruí-la como nação. Em outro momento, Candido expõe a sua radiografia cultural:

Ordem dificilmente imposta e mantida, cercada de todos os lados por uma desordem vivaz, que antepunha vinte mancebias a cada casamento e mil uniões fortuitas a cada mancebia. Sociedade na qual uns poucos livres trabalhavam e os outros flauteavam ao Deus dará, colhendo as sobras do parasitismo, dos expedientes, das munificências, da sorte ou do roubo miúdos. Suprimindo o escravo, Manuel Antonio

suprimiu quase totalmente o trabalho; suprimindo as classes dirigentes, suprimiu os controles do mando. (1993, 45).

A descrição histórica “lembra o modo de formação das famílias, dos prestígios, das fortunas, das reputações, no Brasil urbano da primeira metade do século XIX.” (CANDIDO, 1993, 45). Um dos principais elementos seria, no romance, a dança dos personagens entre o lícito e o ilícito. Numa simetria rápida, na mesma fotografia aparecem o malandro, a cobrança de superação da promiscuidade das populações prejudicadas economicamente após a abolição da escravidão e a mobilização social do país, aqui alegorizada pela disseminação da capoeira, dança e luta, a depender de onde se veja. Esta imagem tríplice vem sendo reeditada em *Memórias de um sargento de milícias*, *O cortiço*, as obras de Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro e outros. A sociedade brasileira é notável em seu comportamento: apesar de sempre cobrar honestidade, tendo praticado muito pouco, apesar de exigir compostura, quando sempre circulou entre impostura e corrupção. De tais atitudes, dificilmente pode-se isentar até a escrita intelectual. O nosso principal historiador ainda localiza, no romance, um mundo sem culpa. Hoje, sabemos o esforço que sustenta este mundo sem cuidados, à feição paradisíaca. Eis as palavras de Candido:

Na limpidez transparente do seu universo sem culpa, entrevemos o contorno de uma terra sem males definitivos ou irremediáveis, regida por uma encantadora neutralidade moral. Lá não se trabalha, não se passa necessidade, tudo se remedeia. Na sociedade parasitária e indolente, que era a dos homens livres do Brasil de então, haveria muito disto, graças à brutalidade do trabalho escravo, que o autor elide junto com outras formas de violência. (1993, p. 53-4).

Finalmente, aparecem do lado da interpretação crítica os termos “indolente” e “parasitária” atribuídas não ao autóctone, negro ou mestiços, mas aos homens livres e donatários. Salvo engano, de forma alguma é comum a afirmação em desvantagem dos homens livres, por isso, a preciosidade da reflexão em *Dialética da malandragem*. Insisto que estas atribuições sejam reiteradas e construam novos textos afim de compor um quadro interpretativo mais coerente e menos ideológico das leituras sobre o Brasil na literatura.

Para eles, a desordem e a burla são o regime de sobrevivência, enquanto não se aprimora conceitos menos contaminados de trabalho e se estabeleça uma variedade profissional mais complexa. Como fica claro no romance, acompanhando essa vigência

social, as formas judiciais e punitivas também são relativizadas para dar conta da problemática mais ampla.

A autoridade do ensaio lapidar é atestada pela quantidade de estudos e teses que inspirou, como textos de Silviano Santiago - *Imagens do remediado* (1983, p. 31-34), em *Os pobres na literatura brasileira* (SCHWARZ, 1983) - a respeito da representação literária de personagens humildes, quando reflete sobre o livro de Manuel Antonio de Almeida. Candido, no momento da urdidura da tese da dialética da malandragem, alcança o que seria o luxo do estudioso da literatura, ou o raro prazer da superação de áreas de que fala Edward Said, em *Representações do intelectual – as conferências Reith de 1993* (2005), quando aquele escreve um texto de interpretação do Brasil através da investigação da literatura.

O outro item de interpretação do Brasil, uma vez aberto o flanco de percepção crítica por Candido, através da literatura está relacionado ao antigo e contemporâneo fenômeno da favela. Sem dúvida, a literatura, mais uma vez, pode oferecer grande contribuição para pensar o tema em proveito de uma explicação à nacionalidade, ademais ao contemporâneo. Segundo uma notável especialista sobre o tema:

De fato, a leitura de textos escritos no início do século (vinte) leva a associar o Morro da Providência, no Rio de Janeiro, ao povoado de Canudos, no sertão baiano. Na verdade, as duas histórias se sobrepõem, pois foram antigos combatentes da guerra de Canudos que se estabeleceram no Morro da Providência, a partir daí denominado de Morro da Favella. A maior parte dos comentaristas apresenta duas razões para essa mudança de nome: 1.) a planta favela, que dera seu nome ao Morro da Favella - situado no município de Monte Santo no Estado da Bahia – ser também encontrada na vegetação que recobria o Morro da Providência; 2.) a feroz resistência dos combatentes entrincheirados nesse morro baiano da Favella, durante a guerra de Canudos, ter retardado a vitória final do exército da República, e a tomada dessa posição representando uma virada decisiva na batalha. (VALLADARES, 2005, p. 29.).

A professora Lícia do Prado Valladares, em sua respeitada obra *A invenção da favella, do mito de origem a favella.com* (2005), chega a determinar uma decifração da favela, tal é a complexidade do tema. Há vários elementos para serem examinados, refletidos e contestados na citação. No entanto, tal trabalho ficará para outro momento, quando poderemos reconstruir leitura do grande clássico brasileiro do início do século XX, *Os Sertões* e a escrita intelectual que a obra inspirou. Sem dúvida, a sua pesquisa reverte a outro tema relacionado à moradia e desigualdade no Brasil: o cortiço:

No Rio de Janeiro, assim como na Europa, os primeiros interessados em detalhar minuciosamente a cena urbana e seus personagens populares voltaram seus olhos para o cortiço. Considerado o *locus* da pobreza, no século XIX era local de moradia tanto para trabalhadores quanto para vagabundos e malandros, todos pertencentes à chamada “classe perigosa”. Definido como um verdadeiro “inferno social”, o cortiço carioca era visto como antro de vagabundos e do crime, além de lugar propício às epidemias, constituindo ameaça à ordem social e moral. (VALLADARES, 2005, p. 24).

Não por acaso, um dos mais célebres romances da literatura brasileira trata do mesmo tema. *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, conta a história de João Romão, a negra Bertoleza e as desventuras daquela classe de brasileiros já vista por Candido, no romance de Manuel Antonio de Almeida. O que a citação acima demonstra como fenômeno sociológico é reescrito pela ficção, com um proveitoso paralelismo. A narrativa vai mostrar o fenômeno do cortiço de um lugar, talvez, impossível para o ensaio científico, pelas próprias limitações de se fazer ciência: de dentro. Vejamos uma citação da obra:

Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda a parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo (AZEVEDO, 2010, p. 15).

A passagem do romance publicado pela primeira vez em 1890 é muito boa oportunidade para pensar as relações de mando e as ameaças e medos das classes de poder para com as dominadas ou tidas como subalternas. Aluísio Azevedo é fascinado pela movimentação humana. Nesse caso, dos dois lados sociais, os quais estão bem nítidos em sua narrativa: sobrado e cortiço. Se há passagens de conflitos e interação entre os dois lados, são para demonstrar o quanto o Brasil é configurado por estas partes que, aparentemente, se opõem.

A recente dissertação de Jarciana Anunciação dos Santos de Sousa, *Um Cortiço para pensar o Brasil: literatura e representações da sociedade fluminense do século XIX* (2016) aborda a questão nos termos iniciados pela Dialética da malandragem de Candido. Segundo a pesquisadora,

Desse modo, Aluísio Azevedo produz uma obra capaz de explorar ficcionalmente a sociedade fluminense ao mesmo tempo em que interpreta questões de ordem

nacional. No decorrer da narrativa, podemos notar a presença de elementos remissivos explícita e implicitamente ao Brasil, como moradia, escravidão, desigualdade social, abolição, imigração, homossexualidade, classe elitizada e popular. (SOUSA, 2016, p. 54).

Seja pela má vontade dos gestores brasileiros ou pela falta de competência em compreender a complexidade da nacionalidade brasileira, é fato que a situação de permanência da desigualdade social do Brasil representa um fracasso. As leituras do Brasil a partir do romance *O cortiço*, como o fez Jarciana Sousa assim se encaminha. É preciso saber mais e ousar entrar no cortiço e na favela como o fizeram narradores como Aluísio Azevedo para compreender a nacionalidade, é o que ela orienta ao final da sua pesquisa.

Outro aspecto aqui apontado com vistas a aprofundamentos futuros tanto em escritas como em orientações em níveis de pós-graduação é o termo *favela* visto bem mais de perto. Ele é capaz, nas palavras de Dom Casmurro, de unir as pontas de uma nacionalidade, entre a Bahia e o Rio de Janeiro, e todo o país, uma vez que o fenômeno urbano denominado de favela é hoje memória cultural nacional. Há fixação do conceito e do regime cultural na música, nas artes plásticas, no esporte, na mídia, nas telenovelas, na moda, etc. Ele talvez seja capaz de renovar leituras de obras literárias tanto do início do século XX quanto contemporâneas, as quais refazem a vivência ficcional brasileira através de escritas e olhares de viventes desta parte das cidades e daqueles que as observam de longe, do asfalto, da zona rural, e outras. Nada melhor do que começar com uma imagem:



(Favela. Foto pelo autor em 19nov2006, no povoado de Formosa, município de Macururé, Bahia).

A imagem mostra uma árvore típica da região do semiárido. Ela tem aspecto rígido, provida de espinhos, em seu caule e suas folhas, bastante dolorosos os quais devem ter causado muito desconforto durante o conflito histórico da Guerra de Canudos. Seu fruto é também provido de espinhos cujo interior há sementes (4) comestíveis e ricas em um óleo nutritivo. Nunca esqueçamos de que aquela região é pródiga desta árvore. O seu nome científico é *Cnidoscolus phylocanthus* (Favela, um pe de quê?, 2016).

É preciso anotar que o fator de invisibilidade e desconhecimento a respeito da árvore paradigmática é tão marcante que o simples fato de expor a imagem tornar-se elemento crítico em reflexão intelectual. Trata-se de trazer à tona um mito. Nem é um

arbusto ou parece ser uma planta que nasceria no semiárido do Nordeste e na Morro da Providência ao mesmo tempo, em plena humidade da Mata Atlântica. Fica evidente que houve uma transposição não da planta mas do termo favela. Há todo um simbolismo ainda por ser investigado a respeito desta transposição ocorrida no mesmo momento em que a identidade brasileira está se formando. Dessa forma, arrisca-se a se aproximar do tipo de cultura que se formou e se consolidou no Brasil com a prática da desigualdade social. Uma citação da literatura nos auxilia a pensar a questão:

Em frente da casa em que ela morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A “torneira de cima”, pois no outro extremo da **favela** havia a “torneira de baixo”. Tinha, ainda o “torneirão” e outras torneiras em pontos diversos. (EVARISTO, 2008, p. 19-20).

Aí está a favela, tão comum em espaços midiáticos e de consumo, mas na passagem, renova-se de um lugar tão distante, ser tão distante... quiçá um sertão de Canudos. Daquele lugar que a cultura e escrita intelectual também trata de manter como sertão. Não há dúvida de que o que assemelha as duas favelas, árvore e conjunto de habitações, é que elas têm espinhos. O doloroso espinho da árvore assustou os soldados. A favela tem um espinho que segue causando dores tremendas ao sistema cultural brasileiro.

Referências:

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5ª ed. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975. V 2.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2008.

Favela, um pe de quê? Disponível em <http://www.umpedeque.com.br/arvore.php?id=608>

acesso em 07 out 2016.

FONSECA, Aleilton. **O pêndulo de Euclides**. Record: Rio de Janeiro, 2008.

SAID, Edward. **Representações do intelectual** – as conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

SCHWARZ, Roberto (org.) **Os pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOUSA, Jarciana Anunciação dos Santos de. **Um Cortiço para pensar o Brasil:** literatura e representações da sociedade fluminense do século XIX. Dissertação. Feira de Santana, Ba.: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela:** do mito de origem a favela.com. 6. Reimp. Rio de Janeiro: Editora da FGV, Fundação Getúlio Vargas, 2005.